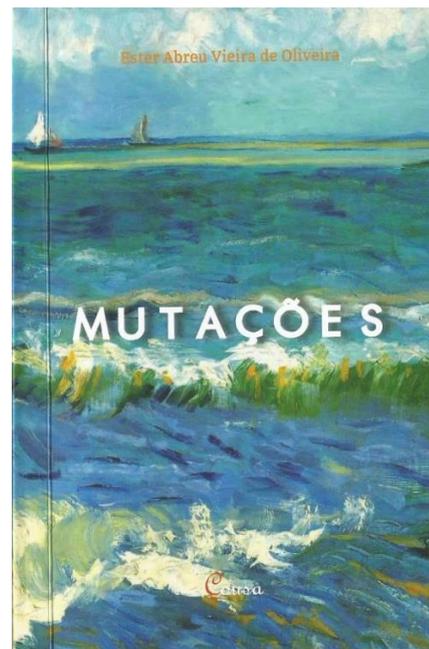


OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. *Mutações*.
Vitória: Causa, 2021.

Silvana Pinheiro*



“**P**ara os que se debruçam no arcabouço das palavras” é a dedicatória do mais recente livro de poemas de Ester Abreu, lançado em 2021,

* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

em tempos de pandemia, disseminando frescor para os dias áridos desse momento histórico.

Ao inaugurar as páginas do livro assim, a autora faz um convite aos que apreciam deter-se sobre as construções com palavras, uma generalizante distinção. Mas isso sugere uma das marcas da poesia de Ester: comunicar-se democraticamente com leitores de variados perfis, respeitando-lhes as possibilidades de leitura, sobre camadas igualmente variadas de significados, ainda que a poetisa traga em sua formação uma bagagem considerável de erudição. Seus versos são acessíveis a um espectro amplo de leitores que ainda investem algum tempo em debruçar-se sobre palavras, o que é de certa forma heroico em um país com taxas elementares de leitura.

A epígrafe da obra também é da autora e destaca a valoração da complexidade da existência e de cada humano em si mesmo ao lidar com ela, considerando também a grandiosidade potencial daqueles que visitarão o livro: “Cada pessoa carrega o universo em seu coração”. Ester Abreu é simples assim, tanto na vida quanto na literatura. Por isso, grande também.

Ester Abreu é figura conhecida no campo das letras capixabas, por sua atuação competente e marcante como professora de Línguas e Literaturas Brasileira e Espanhola, bem como associada da Academia Espírito-santense de Letras e da Academia Feminina de Letras do Espírito Santo. Nessa última, em especial, além de uma das fundadoras, é militante assídua e incansável promotora da produção literária das escritoras de nossa terra, grupo do qual faz parte há longo tempo, tendo publicado inúmeros artigos de pesquisa e ensaios, além de livros de poemas, crônicas, memórias, crítica literária e literatura infanto-juvenil.

Mutações traz um prólogo assinado por Francisco Aurelio Ribeiro (p. 11-12), conhecedor perspicaz da trajetória da acadêmica e poetisa. Traz ainda, de início, uma justificativa da própria autora: “Escolhi os poemas que me parecessem o

mais plástico possível, sem aprofundamentos filosóficos, mas que representassem o meu fazer poético” (p. 14). Dessa forma, Ester apresenta uma coletânea de textos representativos de sua produção, por meio de uma seleção pessoal dos poemas colhidos ao longo de seu alargado percurso como literata.

O título da publicação não estabelece ligação com nenhum texto do interior da obra em especial. Propõe muito mais nominar o conjunto dos poemas, à medida que indica o trânsito por diferentes temas, assuntos, recursos poéticos e, possivelmente, fases da autora e de suas mutantes experiências existenciais que motivaram as produções, como fica sugerido também na justificativa.

A seleção traz 31 poemas, sem compor divisões pontuais, embora seja possível subentendê-las ao longo da leitura. As temáticas são variadas, mas apresentam pontos de contato, no que diz respeito à metapoesia, ao teor existencial, ao diálogo com elementos da natureza e da música, além da espiritualidade.

O poema de abertura, “Mistério”, é de linhagem metapoética. Exalta a experiência de escrita da poetisa, ensejando uma interpretação sobre o labor de seu lugar como artista da palavra, que se dá, em sua visão, a partir de uma experiência anímica, singular e pessoal, de interpretação da realidade: “Da raiz da alma / brota, brota, brota”. No entanto, se apresenta na feição de uma certa concretude, “[...] nas entrelinhas / do papel” (p.15).

Nessas primeiras páginas do livro, observo que os poemas transitam por aspectos existenciais: o labor poético, as indagações sobre a solidão, a morte, a passagem do tempo etc. O diálogo é permanente com os motivos da natureza em geral, compreendidos por meio de múltiplas sensopercepções: “No mais profundo / ficou a nítida visão / de claridades entre sombras”.

Especialmente nesse primeiro suposto conjunto de textos, evidencio um jogo com a disposição dos versos. Muitas vezes Ester Abreu busca destacar, por meio desse artifício, o recurso do paralelismo comum a vários poemas do livro:

Pelo rio passa
Um ramo
que empurra borbulhas
Uma pata
que ampara a ninhada (p. 23).

Um segundo bloco sugerido pela sequência dos poemas é vislumbrado nas composições ligadas aos fatos da música, tais como o *jazz*, as notas musicais, alguns instrumentos. Mais uma vez o diálogo se dá com elementos do meio natural. Destaco aqui, no entanto, entre muitas interessantes proposições imagéticas engatadas em sinestésias, alguns versos que me chamam a atenção, os do “Mestre das doze cordas” (p. 25-26). Tratam, para além de experiências cotidianas com a natureza, sobre fatos sócio-históricos relevantes para as discussões étnico-raciais da contemporaneidade, como a realidade dos negros escravizados na América do Norte e suas composições jazzísticas.

Visualizo, ainda, uma sutil terceira parte que, percebo, a mais longa da obra. Nela há uma sensível identificação da poetisa com o mar e seus mistérios e arquetípias, entre diferentes paisagens e histórias, mitológicas ou reais, desde o Penedo capixaba, até a geografia dos cenários do Marrocos: “Nos teus milênios, / ó mar, eterno poema, / quantos secretos / monstros centenários guardas?!...” (p. 51).

Finalmente, intuo uma quarta formação em bloco, com poemas ligados à espiritualidade. De início, destacam-se construções inclinadas à contemplação da natureza e à provocação do silêncio e da reverência diante de um templo natural. Em um segundo momento, evidenciam-se versos de uma religiosidade de matriz cristã. Há um poema à semelhança de um salmo bíblico, por exemplo: “Deus, Tu és meu Deus” (p. 71). E uma exaltação litúrgica à Virgem Maria, diante de seu

filho crucificado (p. 73-74). E, ainda, uma oração sublime ao Cristo, a quem a poetisa deseja ver, muito mais em suas andanças sobre a Terra, fazendo o bem, do que inerte na cruz.

As mutações dos versos de Ester Abreu, assim, ensejam um passeio por temas universais, cujo ponto de apoio são principalmente os fatos do meio natural, focando experiências de subjetividade, por vezes com ares de epifanias, aos sabores leves de musicalidade e com a absorção da fluência de movimentos permanentes dos sentidos do corpo, na leitura das realidades mais simples e cotidianas.

Recebida em: 10 de maio de 2022.
Aprovada em: 17 de outubro de 2022.